



MACHADO, Roberto. *Proust e as artes*. São Paulo: Todavia, 2022, 236 p. ISBN 978-65-5692-352-9

Proust e as artes

FÁBIO FERREIRA DE ALMEIDA¹

Quem desfrutou da companhia de Roberto Machado, ou teve ocasião de acompanhar seus cursos e pesquisas, certamente aguardava a publicação de seu livro sobre Proust.

Certa feita, aos que se reuniam semanalmente numa salinha exígua e austera do terceiro andar do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ para um curso com ele sobre *O nascimento da tragédia*, Roberto contava o quanto tinha sido feliz convalescendo de uma hepatite. *Eu passava os dias na rede lendo Proust*, disse ele. Nesta singela anedota se pode identificar certo pendor proustiano de sua personalidade (o que ele parecia combater com exercícios físicos e alimentação saudável) e uma atitude claramente nietzschiana nesta sua maneira de dizer “sim” à doença: mergulhar na obra daquele que foi capaz de fazer uma grande filosofia por meio da mais alta e elegante literatura. Pois é o pensamento

¹ Professor Doutor vinculado ao Curso de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia da UFG. E-mail: fabio_ferreira_almeida@ufg.br

que Proust expressa em sua obra maior, *À procura do tempo perdido*², que Roberto Machado explora neste seu *Proust e as artes*.

Autor de dois importantes estudos sobre Michel Foucault³, que é o personagem central de seu ensaio autobiográfico, *Impressões de Michel Foucault* (2017), Machado também escreveu livros valiosos sobre Deleuze⁴ e dedicou uma longa e variada pesquisa à obra de Nietzsche. Nesse seu último livro – o livro sobre Proust – o autor parecia querer exercitar o aprendizado dessa trajetória num trabalho em que a filosofia não se exercesse apenas como análise de textos e conceitos, em que a reflexão filosófica fosse além da explicação minuciosa das ideias de um autor, o que, como grande professor, ele sempre soube fazer tão bem. Uma estética, eis o modo como Machado compreendia a filosofia como tal, e foi isso que ele encontrou nesta que, como se sabe, foi a obra de toda vida de Marcel Proust.

Seria equivocado perguntar o que significa pensar filosoficamente por meio da literatura; talvez até possamos assumir, de saída, que seria equivocado estabelecer uma dicotomia entre literatura filosófica e filosofia literária. Afinal, a literatura – e as artes em geral – é capaz de ampliar (ou amplificar) o pensamento dando a ele uma forma, realizando este feito de que a filosofia muitas vezes não é capaz: expressar artisticamente e, portanto, de uma maneira que todos *compreendem* ainda que não *saibam*, problemas filosóficos fundamentais. Gilles Deleuze mostrou isso muito bem através de análises propriamente filosóficas de muitos artistas e obras. Também Pierre Macherey (outro grande leitor de Proust) destacou esse aspecto.

Reler à luz da filosofia obras consideradas como pertencentes ao domínio da literatura não deve ser, em nenhuma circunstância, reconhecer nelas um sentido oculto no qual se resumiria sua destinação especulativa; é, antes, evidenciar-lhes a constituição plu-

² O título é esse na mais recente tradução do livro no Brasil (Companhia das Letras, 2023) e o considero mais adequado que *Em busca do tempo perdido* das traduções anteriores.

³ *Ciência e saber*. A trajetória da arqueologia de Foucault (Graal, 1982. Reeditado como *A ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006) e *Foucault, a filosofia e a literatura* (Rio de Janeiro: Zahar, 1999).

⁴ *Deleuze e a filosofia* (Rio de Janeiro: Zahar, 1990) e *Deleuze, a arte e a filosofia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2009)

ral e, como tal, susceptível de modos de lidar diferenciados. Pois, se não há discurso literário puro tanto quanto não há discurso filosófico puro – já que existem apenas discursos mistos nos quais interferem, em vários níveis, jogos de linguagem independentes em seus sistemas de referência e em seus princípios – é igualmente impossível fixar de uma vez por todas a relação do poético ou do narrativo com o racional, relação que se apresenta universalmente nas figuras de sua variabilidade. Vê-se, então, que o filósofo intervém nos textos literários em diversos planos, e estes devem ser cuidadosamente dissociados de acordo com os meios que eles requerem e as funções que exercem. (Macherey, 1990, p. 10-11)

Em *Proust e as artes*, o modo de lidar é claramente filosófico, mas, embora seu autor afirme que seu “objetivo principal é mostrar que há na *Recherche* uma estética, no sentido de uma reflexão sobre a contemplação estética e a criação artística” (p. 34), é preciso perceber que, neste caso, o entrelaçamento entre o estético e o artístico não é, como pode imediatamente parecer, trivial. A estética da *Recherche* é, antes de tudo, uma filosofia em sentido pleno. Diria mesmo que o que o livro de Roberto Machado mostra é como a estética da *Recherche* constitui o próprio projeto filosófico de Proust em toda sua *radicalidade*. Na continuação da passagem que acabo de citar, isso aparece claramente dito: “também pretendo mostrar”, escreve ele, “que essa estética está intimamente ligada a uma metafísica, ou a uma ontologia, pois considera que a verdadeira arte deve dar conta da essência da realidade” (*Idem*). Roberto Machado, então, intitula seu livro *Proust e as artes*, mas para sugerir, em filigrana, que é aí, nas artes de que o romance trata, que ele distingue a filosofia mesma de Proust e, como já dissemos, que é assim que ele próprio entende a filosofia. E isto, penso, se confirma ao longo de quatro capítulos e uma introdução, nos quais se expõe o cuidadoso exercício de *dissociação de planos* ao qual Roberto Machado se dedica.

Assim, no plano da “Música” (capítulo 2), no plano da “Pintura” (capítulo 3) e no plano da “Literatura” (capítulo 4) é que a reflexão filosófica de Proust acerca das “Impressões dos sentidos” (capítulo 1) se articula, constituindo sua metafísica estética, isto é, uma ontologia sensível ou, podemos dizer ainda, concreta, na qual o pensamento, isto é, o espírito, a consciência, *percebe a essência mesma da realidade*. O cerne dessa filosofia, como Roberto Machado deixa ver ao longo de todo livro, é a noção de relação, que aqui deve ser compreendida a partir dessa ideia de

experiência, termo que não remete ao dado imediato, pois não se trata aqui da afecção dos sentidos pelas coisas, mas sim do sentimento que se tem das coisas através das artes. Diria que é essa imbricação profunda entre as ideias de relação e de experiência que dá um sentido propriamente filosófico ao conceito de “impressão”. Na medida em que é mais que representação e bem mais que sensação, o que provoca as *impressões dos sentidos* está além da experiência comum, além das vivências em sentido fenomenológico: situa-se nas artes como se a “impressão” significasse uma sensação de segunda ou mesmo terceira ordem, quer dizer, uma experiência que requer sensibilidade; que requer, em suma, relações e sentimentos. É assim que se pode compreender a ideia de que, na filosofia de Proust, a arte é superior à vida. Ao analisar o modo como um quadro do pintor Elstir proporcionou a Marcel a visão da *essência da realidade* no livro *Sodoma e Gomorra*, Machado conclui:

Isso, no entanto, não impede que Marcel continue a pensar que um quadro de Elstir é um espelho do mundo e, ao mesmo tempo, que todo valor está nos olhos do pintor, como diz em *O caminho de Guermantes*. E também não impede que a posição de Proust seja que a beleza está na essência das coisas, mesmo nas mais cotidianas, e que o artista seja o intercessor, o tradutor dessa beleza essencial que, sem ele, permaneceria invisível. É justamente porque revela ou esclarece a vida, que a arte lhe é superior. E Elstir é quem permite que Marcel veja a diferença entre a vida simplesmente vivida e a vida transfigurada pela arte (p. 145).

Não é por outra razão que também temos, em *Proust e as artes*, a tese de que a *Recherche* é uma pedagogia. Os amores, as amizades, as antipatias e os sabores, enfim, os encontros descritos – ou narrados – ao longo de *À procura do tempo perdido*, evidenciam o modo como a estética, essa filosofia, se coordena com uma pedagogia, isto é, o modo como a *experiência*, no sentido de *impressão*, se constitui por meio da *relação*. E por isso é tão importante perceber, como insiste Machado, o sentido dessa formação do herói proustiano.

Ora, se *À procura do tempo perdido* é, na verdade, uma pedagogia, trata-se fundamentalmente de um aprendizado: um *aprendizado da percepção* que só pode ser buscado através de um *cultivo da relação*. Mas isso é certo, já que aprendizado é, sempre, cultivo, isto é, cultura, e esta, por sua vez, nada mais é, de fato,

que uma *busca*, uma *procura*. Se nos deixarmos levar pelo impulso imediato e perguntarmos-nos: mas procura de quê?, a resposta será essa afirmação lapidar e que soa evidente, mas somente depois de pronunciada (ou escrita): “A *Recherche* é a história da vocação invisível de Marcel”. (p. 196) Marcel vai aprender a tornar-se o que ele é. É neste sentido que, transgredindo o cânone da crítica, Machado insere o livro de Proust na tradição do *Bildungsroman* – e aqui, diria eu, um caso especial, bem francês, do “romance de aprendizado” ou “de formação”. Com isto, talvez seja possível afirmar, e infelizmente não saberemos mais se Roberto Machado concordaria ou não com essa leitura, que Marcel, o personagem de Proust, é a própria encarnação dessa *vocação* – por isso justamente ela é invisível – que o conduz *inexoravelmente* – pois de outro modo não seria uma vocação – ao longo das mais de duas mil e quinhentas páginas do romance. Em todo caso, Machado escreve:

Se a obra é a história de uma vocação invisível, que se ignora até ser descoberta no final do último livro, é porque o desenvolvimento não é contínuo; é multifacetado, dando-se de modo independente em vários setores que só são harmonizados no final, com a *descoberta da intensidade da impressão*. (p. 192. Grifo meu)

286

O que Marcel busca, portanto, seguindo os caminhos abertos por aquele impulso íntimo, é a intensidade da impressão, o que significa que essa intensidade que o personagem vive, ele a experimenta concretamente; isso, enfim, que o *afeta* em todos os sentidos do termo, é precisamente o que o *convoca* para a *busca*.

Não precisamos aqui reconstruir as teorias – científicas e filosóficas – que desde o final do século XIX investigavam a clássica questão da unidade entre corpo e alma, da relação entre espírito e matéria, entre a consciência e o organismo, mas Marcel (parece ser possível afirmar) é, sim, todo afecto, isto é, os sentidos é que constituem a sua alma; as impressões anunciam a verdade que ele sente mas que, pelo cultivo da experiência, precisa ser aprendida para poder ser concretamente experimentada. A intensidade dos sentidos vem desse sentimento material e corporal de tudo que o rodeia, das impressões que o mundo à sua volta desperata, de modo que a sensação é o caminho indicado pelas coisas para alcançar uma realidade mais profunda, a essência da realidade, em suma, a verdade. É pela sen-

sação (isto é, pela estética; isto é, pela filosofia) que se ultrapassa a percepção rudimentar e comezinha em direção à experiência verdadeira. Deste modo, talvez possamos afirmar que entre Marcel e Proust o que se tem é esse jogo de *experiência e impressão*. As experiências de Proust despertavam nele impressões que só poderiam ser expressas filosoficamente, isto é, de forma artística. Marcel, o personagem de Proust, é a imagem das impressões de seu ator que, no final no livro, depois de uma longa trajetória, se reencontra... consigo mesmo. Penso que é nesse sentido que se pode acompanhar todos os aspectos biográfico que Proust transpõe para o livro, todas as experiências que ele transmuda em impressões, as vivências que ele transfigura, como se buscando a verdade delas, em literatura, em obra de arte. O exemplo mais destacado por Roberto Machado desse intercâmbio entre o literário e o biográfico, dessa vida transfigurada pela arte (ver p. 145), é o do quadro de Vermeer que Proust considerava “o mais belo do mundo”, *Vista de Delft*. O episódio daquela última visita de Proust, já cambaleante, ao quadro de Vermeer tornou-se célebre, pois logo em seguida o artista faz o último acréscimo a sua grande obra, em *A prisioneira*, e morre como se sucumbisse à beleza, isto é, à verdade. Esta aliás é a passagem que Machado considera “um dos textos mais maravilhosos do livro”. (Ver pp. 128-131)

Essa passagem da obra – e da vida – não poderia ser interpretada como o choque que a visão da verdade provoca e que, de tão raro e intenso, torna-se fatal? Ou seja, não podemos aqui pensar precisamente em Nietzsche que, se em sua juventude identificou aquele princípio dionisíaco que atraía para o Uno primordial (o *Ureins*), impulso contra o qual foi necessário erguer-se o princípio apolíneo dando origem à arte trágica, no ápice de sua filosofia também se transfigurou no Zarathustra e seu pensamento na trajetória deste seu personagem? A *Vista de Delft* provoca em Proust a visão da verdade, e essa *impressão* marca singularmente tanto da trajetória de Marcel quanto a vida de Proust. Continuando neste jogo entre experiência e impressão, que se reflete na irônica homonímia de autor e personagem, nota-se que alcançar essa verdade é apenas o começo. A estrutura circular do romance, ao narrar o ciclo de formação do artista, no caso, Marcel, evidencia essa trajetória em que fim e começo, mais até que se encontrarem, se fundem, se confundem. Não nos esqueçamos que Marcel, o herói de Proust, tor-

na-se escritor – torna-se finalmente artista – no final do livro. Neste momento, portanto, Marcel e Proust se encontram; no final do romance e no final da vida de seu autor é que o personagem será capaz de escrever uma obra. Jogo de transfiguração, luz e sombra em que autor e personagem, vida e obra, trocam de posição o tempo todo.

Parafraçando o título do célebre ensaio de Maurice Blanchot, diria que o livro já feito é um *livro por vir*. A *Recherche*, como um romance total, nada mais é que a promessa de um romance; uma promessa que se cumpre como recomeço, como reescrita. Roberto Machado insiste na estrutura circular da *Recherche*, mas não seria muito mais a figura de uma espiral o que se desenha se quisermos acompanhar até o fim – até o fim não narrado – as impressões de Marcel? É quase como se toda essa trajetória, todos os encontros narrados no livro, todas as experiências e sentimentos e sentidos descritos ali, os amores e as descobertas feitas ao longo de tantos caminhos, pudessem ser resumidos nesta frase, totalizante mas aberta: *Longtemps, je me suis couché de bonheur (...) dans le Temps*.⁵

Deitar-se cedo, isso é o que a pedagogia habitual exige; é o que, a contragosto – contra a vontade –, fazem as crianças obedientes; é o que os adultos, também eles formados segundo o princípio do *deitar-se cedo*, impõem a seus filhos, sempre a bem deles. Pois deita-se cedo para estar apto para a vida cotidiana, para ser capaz de levar a bom termo os afazeres diários, para chegar no horário aos compromissos firmados ou, em suma, para que as experiências da vida – as vivências – não surpreendam, não afetem a ponto de desviar do bom caminho, do rumo conveniente. Mas para toda criança essa obrigação de deitar-se cedo é a primeira *infelicidade* da vida. Nesta época, deitar-se cedo significa o tempo confiscado, o tempo que foge. Ainda que a superfície macia do travesseiro embale o sonho da literatura – da leitura, seria melhor dizer – o tempo escapa e, diante disso, a memória se ativa no esforço de recuperá-lo. Esse *tempo longo* é, pois, como se inicia o romance e a trajetória de Marcel para *reencontrar*, não outro, mas, precisamen-

⁵ Nem sempre é evidente a tradução desta primeira frase do romance, toda atravessada de temporalidade. Mário Quintana a traduz por: “Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo...”; Fernando Py, por: “Durante muito tempo, deitava-me cedo...”; e Mário Sérgio Conti, “Por um longo tempo, me deitei cedo”.

te esse mesmo tempo. A hora certa de ir pra cama, a *boa hora* para deitar-se transforma-se, quando o tempo é enfim redescoberto, em *felicidade*. Portanto, é como se, através de Marcel, Proust afirmasse que era preciso redescobrir a felicidade justamente reencontrando o tempo, seja aquele tempo que ele outrora acreditava perdido, seja o tempo do qual os hábitos cotidianos e a cronologia utilitarista o desconectara. E essa felicidade de *deitar-se ao longo do tempo* não é o prazer que a as impressões dos sentidos proporcionam? Não é essa alegria intensa que se experimenta diante da essência das coisas, da verdadeira realidade? “Por muito tempo deitei-me cedo no tempo” e foi preciso uma vida – um romance – para descobrir a felicidade dessas horas e experimentá-la com obra de arte, como literatura.

Não será por isso que a lembrança involuntária é tão marcante em Proust? De fato, Roberto Machado, sem esquivar-se ingenuamente dos grandes temas proustianos, reconhece ao tema da memória involuntária uma importância decisiva na metafísica e na ontologia, em suma, na filosofia de Proust.

A memória voluntária é a memória da inteligência, um esforço consciente de se lembrar do que se viveu, é a “memória uniforme”, dependente do hábito – que, como diz Proust, enfraquece tudo –, que não contém, não conserva nada do passado, que não é capaz de dar conta das diferenças. Já a memória involuntária é a memória afetiva, a memória dos sentimentos, inconsciente, que suspende a ação do hábito, uma irrupção repentina, súbita, do passado, “uma deflagração imediata, deliciosa e total” (...). (p. 68-9)

Nesta passagem, além da caracterização precisa da memória involuntária, temos, destacada do texto de Proust, uma definição de felicidade que, de fato, não pode ser nada de outro que “uma deflagração imediata, deliciosa e total”. Eis a felicidade como prazer verdadeiro, a arrebatadora alegria de uma impressão singular. A memória voluntária, aquela para qual é preciso estar pronto ao despertar, enfim, as recordações que se contam em reuniões mundanas, nos divertimentos passageiros e nos salões, é apenas hábito, enquanto “a memória involuntária tem como condição o esquecimento” (p. 70). Contra o hábito, portanto, é esse o aprendizado pelo qual Marcel passa: o aprendizado do esquecimento. Toda pedagogia deveria aprender essa lição proustiana, essa pedagogia da procura pela

qual se pode pretender alcançar aquele que, de fato, sempre foi o objetivo da reflexão filosófica desde sua origem, isto é, a *felicidade*.

Assim, ao caracterizar a filosofia de Proust por meio dessa pedagogia da busca pela intensidade das impressões, e para isso não há outro caminho senão o das artes, e ao reconhecer que a filosofia proustiana, através da vida do herói, é a procura da felicidade na essência da realidade, Roberto Machado também ressalta toda modernidade desse pensamento, já que, se a felicidade pode ser alcançada, será somente na própria experiência, na própria vida e no que ela tem de mais concreto e real. “Proust não é um pensador metafísico da vida eterna, de outro mundo, de um além-mundo. É um moderno, alguém que foi marcado pela ‘morte de Deus’: é um pensador do tempo”. (p. 73) Quando a sensação artística sobrepuja a razão especulativa, quando a experiência estética se sobrepõe às elucubrações conceituais, a felicidade é o absoluto.

Roberto Machado cultivou duas características raras: rigor e generosidade. Desde seus primeiros livros, seu “furor analítico” – como escreveu sobre ele outro resenhista⁶ – valorizava o autor a que se dedicava e, com isto, fazia expandir o sentido do pensamento, por meio do *estudo* paciente, um *estudo* que se exerce como reflexão filosófica. Seu procedimento intelectual, isto é, um lento trabalho de leitura e de análise dos textos, ampliava o significado daquilo a que se dedicava. E ao lado dessa paixão do texto havia também nele a paixão das artes. Sua colaboração com diferentes artistas, do teatro ao cinema, da literatura à canção, era tão discreta quanto constante. E Machado não era um dândi. De modo que, se sua reflexão é *atravessada* pelo pensamento de muitos outros – principalmente Foucault, Deleuze e Nietzsche –, é *através* deles que seu próprio pensamento se elabora. Sua leitura de Proust segue o mesmo estilo, só que agora a obra estudada parece ser tomada muito mais como um espelho. Que se compreenda bem: neste livro, muito mais do que analisar friamente a obra de Proust, Roberto Machado talvez tenha querido expor o quanto ele próprio se reconhecia no autor da *Recherche*.

⁶ CALCAGNO, V. “Em busca dos signos de Proust”. *Revista 451*, dez./2022.

Assim, embora se possa perceber, na leitura que Machado nos propõe de Proust, a presença daqueles que o formaram como filósofo, essa leitura não é, por assim dizer, carimbada por uma influência. Mesmo nas notas há poucas referências àqueles que ele estudou e, embora seja possível localizar no próprio texto uma ou outra aqui e ali, é ao texto de Proust que Machado se atém. Por isso, aliás, temas célebres da literatura sobre Proust são retomados sem pretensões de grandes descobertas sobre um autor e uma obra cuja riqueza parece inesgotável. Ainda assim, o livro traz aspectos originais em sua leitura, mas aparecem de forma bastante discreta. Um desses aspectos, talvez até o mais marcante, é a inserção do livro na tradição do “romance de formação” conectada à identificação da estrutura circular da narrativa. Roberto Machado insistia sempre nessa interpretação, de modo que sua ideia de que há na *Recherche* uma estética e de que essa estética é a filosofia mesma de Proust, se não é propriamente original, se completa com esse diagnóstico sobre a trajetória que o autor inventa para seu herói, conferindo à filosofia proustiana certa jovialidade. Acredito, por isso, que se não estivesse situado historicamente na “periferia do capitalismo”, tomando a fórmula de um crítico célebre, este *Proust e as artes* teria um lugar reservado entre os estudos importantes sobre o Proust e sobre seu principal livro.

Como foi (ou tinha que ser) lançado no ano em que se celebrava o centenário da morte de Marcel Proust, o livro parece pagar o preço da pressa, pois o rigor também estilístico de Roberto Machado não combina com certas passagens do livro. Esse, no entanto, acaba sendo um detalhe irrelevante e quase desaparece diante da clareza do texto. O que importa é que finalmente o leitor agora tem oportunidade de ler mais esse livro sobre Proust e testemunhar, mais uma vez, a arte de seu autor.

Referências

MACHEREY, P. *À quoi pense la littérature?*. Paris: PUF, 1990.

Submissão: 08. 02. 2024 / Aceite: 09. 02. 2024